

165

**LEGITIMIDADE E NATUREZA DA PRIMEIRA CERTEZA NAS MEDITAÇÕES METAFÍSICAS DE RENÉ DESCARTES.** Clarissa Gonçalves Vido, Lia Levy (orient.) (UFRGS).

René Descartes (1496 – 1650), em suas *Meditações Metafísicas*, a fim de encontrar um ponto fixo e seguro a partir do qual pudesse fundamentar a possibilidade da ciência, se vale do método da dúvida. Algo, no entanto, sobrevive a todas as razões para duvidar: "a proposição "eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito" (*Segunda Meditação*, AT, VII, 25). Na formulação anterior desta primeira certeza, presente no *Discurso do Método* ("penso logo existo" mais conhecida como *cogito*), Descartes parece inferir do pensar o existir – inferência sobre a qual se impõe os problemas da validade da inferência e da determinação e da justificação de suas premissas. Na obra jamais acabada e publicada por Descartes, as *Regras para a direção do espírito*, os primeiros princípios são tidos como auto-evidentes, isto é, obtidos de modo direto e não inferencial, para o que se supõe a existência de uma faculdade da percepção intelectual que nos capacita a conhecer imediatamente as verdades mais simples com absoluta certeza através de uma intuição. A formulação apresentada nas *Meditações* parece ser compatível com as duas possibilidades de interpretação: a inferencial e a intuitiva. Tendo em vista que da legitimidade desta primeira certeza depende toda a empresa de Descartes, esta pesquisa tem como objetivo analisar as diferentes possibilidades de interpretação para esta passagem da *Segunda Meditação*, determinando os argumentos que endossam uma ou outra e as soluções para os compromissos onerosos de cada uma delas. (CNPq).